

IV

NA GALILEIA

No dia imediato a êsses acontecimentos, ás primeiras horas da manhã, Públia Lentulus foi procurado, na intimidade do seu gabinete particular, por Fúlvia, que se lhe dirigiu, criminosamente, nêstes termos:

— Senador, o ascendente de nossas ligações familiares obriga-me a procurar-vos para tratar de um assunto desagradável e doloroso, mas, nas minhas experiências de mulher, cumpre-me aconselhá-lo a resguardar sua espôsa da insídia dos próprios amigos, pois que, ainda ontem tive oportunidade de surpreendê-la em íntimo colóquio com o governador...

O interpelado estranhou aquela atitude insólita, grosseira, contrária a todos os seus métodos de homem de bem.

Repeliu dignamente a investida, encarecendo a nobreza moral da sua companheira, passando Fúlvia a relatar-lhe, com os mais exaltados floreios de sua imaginação doentia, a cena da véspera, nas suas mínimas minudências.

O senador ficou pensativo, mas sentiu-se com a precisa coragem moral para repelir a insinuação caluniosa.

— Pois bem — disse ela, terminando a sua denúncia — muito longe levais a vossa confiança e bôa fé. Um homem nunca perde por ouvir os conselhos da experiência feminina. A prova de que Lívia caminha na estrada larga da prevaricação tê-la-eis muito breve, por quanto ela ha de preferir a partida imediata para Nazaré, onde o governador buscará encontrá-la.

E dizendo-o, retirou-se apressadamente, deixando o senador algo desalentado e compungido, pensando nos corações mesquinhos que o rodeavam, porque, no tribunal da consciência não se sentia disposto a aceitar idéia que viésse conspurcar a valorosa nobreza de sua mulher.

Imenso véu de sombras cobriu-lhe o espírito sensível e afetuoso. Sentiu que, em Jerusalém, conspiravam contra ele todas as fôrças tenebrosas do seu destino, experimentando um vasto deserto no coração.

Ali, não encontraria a palavra prudente e generosa de um amigo como Flaminio, com quem pudesse desabafar as suas profundas mágoas:

Absôrto nessas meditações angustiosas, não viu que as pétalas das horas rodopiavam incessantes, nos torvelinhos do tempo. Só muito depois percebeu o vozerio de um dos serviços de confiança, vindo a saber que Sulpício Tarquinius lhe solicitava o obséquio de uma entrevista particular, pedido a que atendeu com o máximo de atenção.

Admitido ao interior do gabinete, o lictor referiu-se, sem preâmbulos, aos fins da visita, explicando com desembaraço:

— Senador, honrado com a vossa confiança no caso de vossa transferência para uma estação de repouso, venho sugerir-vos o arrendamento de rica propriedade pertencente a um nosso compatriício, nos arredores de Cafarnaum, encantadora cidade da Galiléia, situada no caminho de Damasco. E' verdade que já escolhestes Nazaré, mas, ao longo da planície de Esdrelon, as casas confortáveis são muito raras, acrescendo que serieis obrigado a enormes dispêndios em serviços de remodelação e benfeitorias. Em Cafarnaum, porém, o caso é diferente. Tenho ali um amigo, Caio Gratus, decidido a arrendar por tempo indeterminado a sua esplêndida vila, que é uma herdade provida de todo o confôrto, com pomares preciosos, num ambiente de absoluto sossêgo.

O governador ouvia o preposto de Pilatos, como se o espírito lhe pairasse noutra parte; mas, como se tivesse a atenção súbitamente despertada, exclamou, na atitude de quem argumenta consigo mesmo:

— De Jerusalém a Nazaré, temos setenta milhas... Onde fica Cafarnaum?...

— Muito distante de Nazaré — obtemperou o lictor com segunda intenção.

— Está bem, Sulpício — respondeu Públia com ares de quem tomou uma resolução íntima — estou muito agradecido pela tua gentileza, que não esquecerei de recompensar em tempo oportuno. Aceito a tua sugestão, que reputo sensata, mesmo porque, de fato, não me pode interessar a aquisição definitiva de qualquer imóvel na Galiléia, atenta a necessidade de regressar a Roma, dentro em breve. Ficas autorizado a concluir o negócio, por quanto me louvo nas tuas informações decansando, confiadamente, no teu conhecimento do assunto.

Secreta satisfação transpareceu nos olhos de Sulpício, que se despediu com fingido reconhecimento.

Públia Lentulus descansou novamente os cotovelos na mesa de trabalho, submerso em profundas cismas.

Aquela sugestão de Sulpício chegava no instante psicológico de suas angustiosas cogitações, porque, em face dessa nova providência, conseguiria instalar a família longe de qualquer influência da casa do procurador da Judéia, salvando assim a sua reputação dos salpicos ignominiosos da maledicência.

A denúncia de Fúlvia, todavia, desdobrava sucessivas preocupações no seu íntimo. Fósse pelo inopinado da calúnia, ou pelo espírito de perversidade com que a mesma fôra urdida, o seu pensamento mergulhou em ansiosas expectativas.

A' noite daquele mesmo dia, após o jantar, vamos encontrá-lo a sós com Lívia, no terraço da residência do pretor, que, por sua vez, se ausentara de casa por algumas horas, em companhia dos seus familiares, para atender a imperativos de certas pragmáticas.

Notando-lhe no rosto os sináis evidentes de íntimas contrariedades, rompeu a espôsa com a encantadora intimidade do seu coração feminino:

— Querido, pesa-me ver-te assim, dobrado ao jugo de tamanhos desgostos, quando esta longa viagem deveria restituir-nos a tranquilidade necessária ao desenvolvimento dos teus encargos... Ouso pedir que apresses a nossa mudança de Jerusalém para um ambiente mais calmo, onde nos sintamos mais a sós, fóra deste círculo de criaturas cujos hábitos não são os nossos, e cujos

sentimentos desconhecemos. Quando partiremos para Nazaré?...

— Para Nazaré? — repetiu o senador, com voz irritada e sombria, como se o tocasse o espinho venenoso do ciúme, lembrando, involuntariamente, as acusações infundadas de Fúlvia.

— Sim, — prosseguiu Lívia, súplice e carinhosa — pois não foram essas as providências ontem aventadas?

— E' verdade, querida! — exclamou Públia, já pesaroso, voltando a si dos maus pensamentos que havia abrigado, por um instante — mas, resolvi depois instalarmo-nos em Cafarnaum, contrariando as últimas decisões...

E, tomando a si a mão da companheira, como se buscasse um bálsamo para a alma ferida, sussurrou-lhe de manso:

— Lívia, és tudo o que me resta nêste mundo!... Nossos filhos são flores da tua alma, que os deuses nos deram para minha alegria!... Perdôa-me, querida... Ha quanto tempo tenho vivido absôrto e taciturno, esquecendo o teu coração sensível e carinho! Parece-me estar despertando agora de um sono muito doloroso e muito profundo, mas despertando com a alma receosa e oprimida. Andam-me no íntimo, amargurados vaticínios... Temo perder-te, quando quisera encerrar-te no peito, guardando-te no coração eternamente... Perdôa-me...

Enquanto ela o contemplava, surpresa, seus lábios sequiosos lhe cobriam as mãos de beijos ardentes. E não foram apenas os ósculos afetuosos que brotaram nesse transbordamento de afetos. Uma lágrima lhe gotejou dos olhos cansados, misturando-se ás flôres da sua afeição.

— Que é isso, Públia? Choras? — exclamou Lívia, enternecidia e angustiada.

— Sim! Sinto os gênios do mal cercando-me o coração e a mente. Meu íntimo está povoado de visões sombrias, prenunciando o fim da nossa felicidade, mas eu sou um homem e sou um forte... Querida, não me negues a tua mão para atravessarmos juntos o caminho da vida, porque, contigo, vencerei o próprio impossível!...

Ela estremeceu, em face dessas observações, que lhe não eram familiares.

Num relance, retrocedeu á noite anterior, considerando o atrevimento do governador, que dignamente repelira, experimentando, ao lado da aflição pelo companheiro, uma soberana tranquilidade de consciência e, tomando ligeiramente as mãos do espôso, levou-o a um canto do terraço, onde se postou á frente de uma harpa harmoniosa e antiga, cantando baixinho, como se a sua voz, naquela noite, fôsse o gorgorio de uma cotovia apunhalada:

Porque eu sou tua esperança,
 "Alma gêmea da minh'alma,
 Flôr de luz da minha vida,
 Sublime estréla, caída
 Das belezas da amplidão!...
 Quando eu errava no mundo
 Triste e só, no meu caminho,
 Chegaste, devagarinho,
 E encheste o meu coração.
 Vinhas na bênção dos deuses,
 Na divina claridade,
 Tecer-me a felicidade,
 Em sorrisos de esplendor!...
 Es meu tesouro infinito,
 Juro-te eterna aliança,
 Como és tôdo o meu amor!"

Tratava-se de uma composição do seu espôso, na mocidade tão ao gôsto da juventude romana, dedicada a ela própria e que o seu talento musical guardava sempre, para circunstâncias especiais do seu sentimento.

Naquele instante, porém, sua voz tinha tonalidades diferentes, como se houvera encerrado na garganta uma toutinegra divina, exilada dos prados brilhantes do paraíso.

Na última nota, tocada de tristeza e angústia indefiníveis, Públia tomou-a brandamente de encontro ao peito forte e resoluto, como se quisesse reter, para sem-

pre, no coração, a sua jóia de inimaginável pureza.

Agora, era Lívia a chorar copiosamente nos braços do companheiro, que a beija nos transportes de sua alma leal e, por vezes, impulsiva.

Depois daquele arroubo emotivo, Públia sentiu-se desanuviado e satisfeito.

— Por que não regressarmos a Roma quanto antes? — perguntou Lívia, como se o seu espírito estivesse classificado por luzes proféticas, com relação aos dias futuros. Junto dos filhinhos, retomariamoss nossas obrigações habituais, cientes de que a luta e o sofrimento estão em todos os lugares e de que toda alegria significa, neste mundo, uma bênção dos deuses! . . .

O senador ponderou a proposta da companheira, estabelecendo a análise de toda a situação no seu íntimo e obtemperando, por fim:

— Tua observação é justa e providencial, minha querida, mas, que diriam os nossos amigos, quando soubessem que, depois de tantos sacrifícios com a viagem, havíamos resolvido a permanência de apenas uma semana, em região tão distante? E a nossa doentinha? Seu organismo não tem reagido de modo eficaz, em contacto com o novo clima? Estejamos confiantes e tranquilos. Apresarei a partida para Cafarnaum e, em breves dias, estaremos em novo ambiente, segundo os nossos desejos.

Assim aconteceu, efetivamente.

Reagindo às vibrações perniciosas do meio, Públia Lentulus providenciou a solução de todos os problemas atinentes á mudança, fazeendo ouvidos moucos ás indiretas de Fúlvia, enquanto Lívia, escudando-se na superioridade de sua alma, buscava isolar-se dentro do pequeno mundo de amor dos dois filhinhos, fugindo á presença do governador que não desistira dos seus assédios, junto de quem a figura nobre de Cláudia sabia despertar, em todos a mais sincera simpatia.

Duas servas foram admitidas ao serviço do casal, na perspectiva de sua transferência para Cafarnaum; não que fôssem indispensáveis ao desdobramento das atividades domésticas, em face dos servos numerosos trazidos de Roma; contudo, o senador examinara a utilidade des-

sa providência, considerando que êle e a família viriam a necessitar de um contacto mais direto com os costumes e dialétos do povo, reconhecida a circunstância de que ambas conheciam a Galiléia.

Ana e Semele, recomendadas por vários amigos do prætor, foram recebidas ao serviço de Lívia, que as acolheu com bondade e simpatia.

Trinta dias se passaram nos preparativos da projectada viagem.

Sulpício Tarquinius, estimulado pelas vantagens dos próprios interesses materiais, não perdeu ensanchas de captar a plena confiança do senador, organizando a propriedade com minúcias de atenção e gentileza, provocando o contentamento e o elogio de todos.

Nas vésperas da partida, Públia Lentulus compareceu ao gabinete de Pilatos, para o agradecimento das despedidas.

Depois de saudá-lo cordialmente, exclamou o governador com forçada jovialidade:

— E' pena, caro amigo, que as circunstâncias o conduzam para Cafarnaum, quando esperava ter a satisfação de retê-lo nas vizinhanças de nossa casa, em Nazaré.

Mas, enquanto permanecer na Galiléia, em vez de minhas habituais visitas a Tiberíade, procurarei o norte para nos avistarmos.

Públia manifestou-lhe sua gratidão e reconhecimento e, quando se preparava para sair, o procurador da Judéia continuou, em tom afetuoso e conselheiral:

— Senador, não só como responsável pela situação dos patrícios na província, como também na qualidade de amigo sincero, não posso deixá-lo partir á mercê do acaso, tão somente na companhia de escravos e servos de confiança. A cabo de designar Sulpício, homem que me merece inteira confiança, para dirigir os serviços de segurança que vos são devidos. Além dêle, mais um lictor e alguns centuriões partirão para Cafarnaum, onde permanecerão ás suas ordens.

Públia agradeceu cortezmente, sentindo-se confortado com o oferecimento, embora a presença do governador lhe causasse pouca simpatia íntima.

Afinal, terminados os aprestos de viagem, a compacta caravana se pôs em movimento, atravessando os territórios de Judá e as montanhas verdes da Samária, em demanda da sua estação de destino.

Alguns dias foram gastos através das estradas que contornam muitas vezes as águas leves e límpidas do Jordão.

Prestes a chegar a Cafarnaum, à distância de meio quilômetro de caminho, entre árvores frondosas, junto ao lago de Genezaré, uma herdade imponente aguardava os nossos personagens para a sua estação de repouso.

Sulpício Tarquinius desvelara-se nas mais íntimas minudências, no que dizia com o bom gôsto da época.

A propriedade estava situada numa pequena elevação do terreno, rodeada de árvores frutíferas dos climas frios, pois, há dois mil anos, a Galiléia, hoje transformada em poeirento deserto, era um paraíso de verdura. Nas suas paisagens maravilhosas, desabrochavam flores de todos os climas. Seu lago imenso, formado pelas águas cristalinas do rio sagrado do Cristianismo, era talvez a mais piscosa bacia em todo o mundo, descansando as suas vagas mansas e preguiçosas ao pé dos arbustos ricos de seiva, cujas raízes se tocavam do perfume agreste dos eloendros e das flores silvestres. Nuvens de aves cariocas cobriam, em bandos compactos, as suas águas feitas de um prodigioso azul celeste, hoje encarceradas entre rochedos adustos e ardentes.

Ao norte, as eminências nevosas do Hermon figuravam-se em linhas alegres e brancas, divisando-se ao ocidente as alevantadas planícies da Gaulonítida e do Pereu, envolvidas de sol, formando, juntas, um grande socalco que se alonga de Cesaréia de Felipe para o sul.

Uma vegetação maravilhosa e única, operando a emanação incessante do ar mais puro, temperava o calor da região, onde o lago hoje se localiza, muito abaixo do nível do Mediterrâneo.

Públia e sua mulher sentiram uma onda de vida nova, que seus pulmões respiravam a longos haustos.

Entretanto, o mesmo não acontecia à pequenina

Flávia, cujo estado geral piorava ao extremo, contra todas as previsões.

Agravaram-se as feridas que lhe cobriam o corpo magrinho e a pobre criança não conseguia mais arredar pé do leito, onde se conservava em profunda prostração.

Acentuava-se, dêsse modo, a angústia paterna que, embalde, recorreu a todos os recursos para melhorar as condições da doentinha.

Um mês havia transcorrido em Cafarnaum, onde, mais em contacto com os dialétos do povo, já não lhes era desconhecida a fama das obras e das pregações de Jesus.

Vezeis inúmeras, pensou Públia em dirigir-se ao taumaturgo, afim-de solicitar a sua intervenção a favor da filhinha, atendendo a um apelo secreto do coração. Reconhecia no íntimo, porém, que semelhante atitude representava uma humilhação para a sua posição política e social, aos olhos dos plebeus e vassalos do Império, examinando as consequências que poderiam advir de tal procedimento.

Não obstante essas ponderações, permitia que numerosos servos de sua casa assistissem, aos sábados, às pregações do profeta de Nazaré, inclusive Ana, que se tomára de respeitosa veneração por aquele a quem os humildes chamavam Mestre.

Dêle teciam os escravos as mais encantadoras histórias, nas quais o senador nada via, além dos arrebatamentos instinctivos da alma popular, se bem não deixasse de o surpreender a opinião lisonjeira de um homem como Sulpício.

Uma tarde, porém, os padecimentos da pequenina haviam atingido ao auge. Além das feridas que, de muitos anos, se haviam multiplicado no corpinho gracioso, outras úlceras surgiram nas regiões da epiderme antes violáceas, transformando-lhe os órgãos delicados numa pústula viva.

Públia e Lívia, intimamente desolados, aguardavam um fim próximo.

Nesse dia, após o jantar muito simples, Sulpício

demorou-se até mais tarde, a pretexto de confortar o senador com a sua presença.

E' assim que vamos encontrá-los ambos no terraço espaçoso, onde Públcio lhe fala nêstes termos:

— Meu amigo, que me diz dêsses rumores aqui propalados a-cérra-do profeta de Nazaré? Habitulado a não dar ouvidos á palavra ignorante do povo, gostaria de ouvir novamente as suas impressões sôbre êsse homem extraordinário.

— Ah! sim, — diz Sulpício como quem se esfórça por se lembrar de alguma cousa: intrigado com aquela cêna que ha tempos presenciei e que tive ocasião de relatar na residênciia do governador, tenho procurado seguir as atividades dêsse homem, na medida das minhas possibilidades de tempo.

Alguns compatriôcios nossos o têm na conta de um visionário, opinião que comarto no que se refere ás suas prédicas, cheias de parábolas incompreensíveis, mas não no que respeita ás suas obras, que nos tocam o coração.

O povo de Cafarnaum anda maravilhado com os seus milagres e posso assegurar-vos que, em torno dêle já se formou uma comunidade de discípulos dedicados, que se dispõem a seguí-lo por toda parte.

— Mas, afinal, que ensina êle ás multidões? — perguntou Públcio interessado.

— Prega alguns princípios que ferem as nossas mais antigas tradições, como, por exemplo, a doutrina do amor aos próprios inimigos e a fraternidade absoluta entre todos os homens. Exorta os ouvintes a buscarem o reino de Deus e a sua justiça, mas não se trata de Júpiter, o senhor de nossas divindades; ao contrário, fala de um Pai misericordioso e compassivo, que nos segue do Olimpo e para quem estão patentes as nossas idéias mais secretas. De outras vezes, o profeta de Nazaré se expressa a-cérra dêsse reino do céu com apólogos interessantes e incompreensíveis, nos quais ha reis e príncipes criados pela sua imaginação sonhadora, que nunca poderiam ter existido.

O piór, todavia, — rematou Sulpício, emprestando

grave entono ás palavras — é que êsse homem singular, com êsses princípios de um novo reino, avulta na mentalidade popular como um príncipe surgido para reivindicar prerrogativas e direitos dos judeus, dos quais, talvez, queira assumir a direção algum dia...

— Que providência adotam as autoridades da Galiléia, no exame dessas idéias revolucionárias? — obtemperou o senador com maior interesse.

— Aparecem já os primeiros indícios de reação, por parte dos elementos mais ligados a Antipas. Ha alguns dias, quando passei por Tiberíade, notei que se formavam algumas correntes de opinião, no sentido de levar o assunto á consideração das altas autoridades.

— Bem se vê — exclamou o senador — que se trata de um simples homem do povo, a quem o fanatismo dos templos judaicos encheu de pruridos de reivindicações injustificáveis. Suponho que a autoridade administrativa nada tem a recear de semelhante pregador, mestre de uma humildade e fraternidade incompatíveis com as conquistas contemporâneas. Por outro lado, em ouvindo de tua boca a descrição dos seus feitos, sinto que êsse homem não pôde ser uma criatura tão vulgar, como vimos supondo.

— Desejaríeis conhecê-lo mais de perto? — perguntou Sulpício com atenção.

— De modo algum — respondeu Públia, alardeando superioridade. Tal cometimento de minha parte viria quebrar a compostura dos deveres que me competem como homem de Estado, desmoralizando-se a minha autoridade perante o povo. Aliás, considero que os sacerdotes e pregadores da Palestina deveriam fazer estágios de trabalho e de estudo, na séde do governo imperial, afim-de renovar-se êsse espírito de profetismo que aqui se observa em tôda a parte. Em contacto com o progresso de Roma, haveriam de reformar suas concepções íntimas a-cêrca-da vida, da sociedade, da religião e da política.

Enquanto os dois mantêm essa palestra sobre a personalidade e os ensinos do mestre de Nazaré, penetraríamos no interior da casa.

— No quarto da doentinha, vamos encontrar Lívia e Ana, pensando as feridas que lhe cobriam a epiderme, agora transformadas em uma só úlcera generalizada.

Ana, coração bondoso e meigo, pouco mais velha que sua senhora, se havia transformado em companheira predileta, no círculo dos seus afazeres domésticos. Naquele deserto de corações, era naquela serva inteligente e afetuosa que a alma sensível de Lívia encontrara um oásis para as confidências e lutas de cada dia.

— Ah! senhora — exclamava a serva, com sincero carinho a lhe transparecer dos olhos e dos gestos — guardo no coração uma profunda fé nos milagres do Mestre, acreditando mesmo que, se levassemos esta criança para receber a bênção de suas mãos, sarariam as chagas e ela ressurgiria para o seu amor maternal... Quem sabe?

— Infelizmente — respondeu Lívia, com ponderação e tristeza — eu não me atreveria a lembrar essa providência, conciente de que Públia haveria de recusá-la, dada a nossa posição social; mas, francamente, desejaría ver esse homem caridoso e extraordinário de que sempre me falas.

— Ainda no último sábado, senhora, — respondeu a serva animada pelas palavras de simpatia que acabava de ouvir — o profeta de Nazaré recebeu nos braços numerosas crianças.

Ao sair da barca de Simão, nós o esperávamos em massa, para lhe beber os ensinos consoladores. Precipitamo-nos para ele, ansiosos todos de receber ao mesmo tempo os sagrados eflúvios da sua presença confortadora, mas, nesse dia, muitas mães compareceram à predica conduzindo os filhinhos, que se confundiam em algazarra ensurdecadora, como um bando de passarinhos inconscientes. Simão e mais alguns discípulos começaram a repreender severamente os meninos, afim-de-que não perdessemos o encanto suave e doce das palavras do Mestre. Mas, quando menos esperávamos, sentou-se — Ele na pedra costumeira e exclamou com indizível ternura: — Deixai vir a mim os pequeninos, porque o reino do céu lhes pertence. Houve, então, um prodigioso

silêncio entre os ouvintes de Cafarnaum e os peregrinos que haviam chegado de Corazin e de Madála, enquanto aqueles petizes trêfegos acorriam ao seu regaço amoroso, beijando-lhe a túnica com indefinível alegria.

Muitas crianças eram enférmas que as mães conduziam ás pregações do lago, para que se curassem de mazelas antigas, ou de doenças consideradas incuráveis...

— O que me contas é de uma beleza edificante — exclamou Lívia, profundamente emocionada — entretanto, possuindo á mão todos os recursos materiais, sinto que não poderei receber os altos benefícios do teu Mestre.

— E é pena, senhora, porque muitas mulheres de posição o acompanham na cidade. Não somos apenas os mais humildes que comparecemos ás suas pregações, mas numerosas senhoras de destaque em Cafarnaum, espóspas de funcionários de Herodes e de publicanos, assistem ás lições carinhosas do lago, confundindo-se com os pobres e os escravos. E o profeta não desdenha a ninguém. A todos convida para o reino de Deus e sua justiça. Contrariamente a todos os enviados do céu, que conhecemos, êle esquia-se dos favorecidos da sorte, para manter relações com as criaturas mais infelizes, considerando a todos como irmãos muito amados do seu coração...

Lívia escutava a palavra da serva com atenção e embevecimento. A figura daquele homem famoso e bom exercia atração singular no seu espírito.

E, enquanto seus grandes olhos expressavam o maior interesse pelas narrações encantadoras e simples da serva leal, não reparavam ambas que a doentinha as acompanhavam com aguçada curiosidade, característica das almas infantis, não obstante a febre alta que lhe devorava o organismo.

Neste comenos, o senador, após as despedidas de Sulpício, busca o apartamento da pequena enférma, satisfazendo á sua ansiedade paternal.

Diante dêle, calam-se as duas mulheres, entregando-se tão somente aos afazeres que as retinham junto ao leito da pequenina, agora gemendo doloridamente.

Públio Lentulus debruçou-se sobre o leito da filha, com os olhos razos de pranto.

Brincou com as suas mãosinhas mirradas e feridas, fazendo-lhe festas, com o coração tocado de infinita amargura.

— Filhinha, que queres hoje para dormir melhor? — perguntou com a voz estrangulada, arrancando lágrimas dos olhos de Lívia.

Comprar-te-ei muitos brinquedos e muitas novidades... Dize ao papai o que desejas...

Um suor copioso empastava as excrecências ulcerosas da doentinha, que deixava transparecer á pergunta paterna.

— Fala, filhinha — murmurava Públío sufocado, observando-lhe o desejo de expressar qualquer resposta.

Buscarei tudo o que quiseres... Mandarei á Roma um portador, especialmente para trazer todos os teus brinquedos...

Ao cabo de visível esfôrço, pôde a pequenina murmurar com voz cansada e quasi imperceptível:

— Papai... eu quero... o proféta... de Nazaré...

O senador baixou os olhos, humilhado e confundido em face do imprevisto daquela resposta, enquanto Lívia e Ana, como se fôssem tocadas por fôrça invisível e misteriosa, pelo inopinado da cena, escondiam o rosto inundado de pranto.

V

O MESSIAS DE NAZARÉ

O dia seguinte amanheceu trazendo as mais sérias preocupações a Públío e sua família.

Ainda cêdo, vamos encontrá-lo em íntimo colóquio com a espôsa, que se lhe dirige em voz súplice e afetuosa:

— Considero, querido, que devias atenuar um pouco os rigores da posição em que o destino nos colocou, procurando êsse homem generoso, para benefício de nossa